



Ponte do Arquinho - Uma ponte medieval em Amarante

Francisco Fernandes* Diana Cunha** e José Luís Maciel***

Palavras-chave

Cidade de Amarante; urbanismo; rede viária; pontes; Idade Média

Keywords

Amarante Town; road network; urbanism; bridges; Middle Age

Resumo

No decorrer do acompanhamento arqueológico do arranjo urbanístico do Largo Conselheiro António Cândido e Rua António Carneiro, freguesia de Cepelos, concelho de Amarante, foram descobertos os vestígios de uma antiga ponte, que se encontrava incorporada no canal de regularização da ribeira de Padronelo. Após os trabalhos de sondagem e limpeza, esta estrutura veio a revelar ser uma ponte medieval, cuja cronologia aponta para o século XIII, sendo assim o elemento arquitectónico mais antigo da cidade de Amarante.

Abstract

During the archaeological monitoring of the broad array of de urban Conselheiro António Cândido and street António Carneiro, Cepelos neighborhood, municipality of Amarante, were discovered the remains of an ancient bridge wich was built over the Padronelo river channel, incorporate in his channel. After the survey and cleaning works, this structure has proved to be a medieval bridge, whose cronology points to the thirteenth century, becoming the oldest architectural feature of the town of Amarante.

* Arqueólogo. Escola Profissional de Arqueologia (franciscorui.carvalho@gmail.com)

** Arqueóloga (cunhadia@gmail.com)

*** Arqueólogo (macieluis@gmail.com)

1. Introdução

O artigo agora apresentado procura dar a conhecer a ponte medieval, denominada de ponte do Arquinho, cuja descoberta ocorreu durante o acompanhamento arqueológico do arranjo urbanístico do Largo Conselheiro António Cândido e Rua António Carneiro.

Estes trabalhos foram efectuados por uma equipa da Escola Profissional de Arqueologia, Freixo, Marco de Canaveses, no âmbito do protocolo de colaboração que aquela autarquia mantém com a escola.

No decorrer do acompanhamento arqueológico, além da identificação e registo de antigas canalizações em granito e do alicerce de uma antiga casa, entretanto demolida no início do século XX, foi detectada, no centro do Largo Conselheiro António Cândido, uma estrutura arqueológica, que veio a revelar ser o que resta de uma ponte que unia as duas margens da ribeira de Padronelo, próximo da sua foz no rio Tâmega,

estrutura essa que está na origem do topónimo Arquinho, designação local para esse espaço urbano.

Após a descoberta e comunicação à Direcção Regional de Cultura do Norte e IGESPAR, foi então elaborado um novo plano de trabalho para o local, propondo-se a limpeza e escavação das áreas adjacentes à estrutura da ponte, com vista a recolher todos os elementos arqueológicos que forneçam informações complementares que ajudem à caracterização da ponte.

2. Descrição dos trabalhos efectuados

A ponte medieval do Arquinho situa-se no centro do Largo Conselheiro António Cândido, freguesia de Cepelos, concelho de Amarante, possuindo as seguintes coordenadas geográficas: 41°26'65N de latitude e 008°08'61W, segundo a Carta Militar de Portugal, do Serviço Cartográfico do Exército, folha 113.



5 - Amarante - Largo do Conselheiro António Cândido

Figura 1. Largo António Cândido – Fotografia de Alcino Reis, anos 20 do século XX.



Figura 2. Localização do Largo Conselheiro António Cândido - excerto da C.M.P. n.º 133.

Os trabalhos efectuados consistiram, numa primeira fase, no acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de remoção e revolvimento dos substratos arqueológicos. Durante esses trabalhos, detectou-se, numa das áreas de acompanhamento, mais concretamente, no centro do Largo Conselheiro António Cândido, uma estrutura pétrea, que se veio a revelar ser o

arco de uma ponte que se encontrava incorporado numa canalização em granito que regularizou a ribeira de Padronelo.

Para definição da estrutura, procedeu-se então à remoção mecânica das terras de aterro que cobriam a parte superior da ponte. Após essa remoção, foi efectuada uma limpeza manual em toda a extensão dessa mesma superfície superior, com o objectivo de definir o tipo de aparelho desta, o tipo de técnicas utilizadas na sua construção, bem como a existência de outras estruturas posteriores que tivessem aí sido construídas ou adossadas.

Como esta camada já se encontrava bastante alterada pelos trabalhos de escavação da obra em curso, preconizou-se remover toda essa camada de aterro com o auxílio a ferramenta de maior porte. Posteriormente, com o objectivo de definir os blocos de granito da construção da ponte e algum piso que ainda tivesse resistido às reformulações e construções que tivessem ocorrido naquele espaço, optou-se por fazer um trabalho técnico mais cuidado, recorrendo apenas ao pico pequeno, colherim e vassouras.



Figura 3. Limpeza da parte superior da ponte.

Durante esta limpeza foi removida apenas uma camada, tratando-se de camada de aterro e revolvimento, heterogénea, de coloração castanha escura, com inclusões de pedra de pequeno e médio porte.

Após a definição de toda a plataforma superior da ponte, além dos elementos que compunham a ponte, detectou-se a presença de uma canalização em granito, apoiada sobre a própria ponte.

Após a elaboração dos respectivos desenhos, procedeu-se então à desmontagem da estrutura de drenagem, de forma a perceber qual a sua função e a sua cronologia.



Figura 4. Canalização em granito apoiada na ponte.



Figura 5. Canalização em granito apoiada na ponte com interior escavado.

O processo de remoção das pedras de cobertura do dreno foi efectuado com o auxílio de meios mecânicos devido ao seu grande porte. Após a remoção da sua cobertura, procedeu-se à escavação do seu interior.

A escavação do seu interior deu-nos a seguinte leitura estratigráfica:

- **Camada (01)** - Camada sedimentar heterogénea de coloração cinza, bastante arenosa e pouco compacta, com inclusões de pedras de pequeno porte, raízes, e materiais recentes, latas, plástico, pilhas.

Foi recolhido o seguinte espólio desta camada (01): cerâmica indeterminada, alguma vidrada, escória, vidro de cronologia recente, nomeadamente de garrafas e copos.

Além da limpeza e desmontagem do dreno, foi realizada a escavação de uma sondagem arqueológica. Esta, designada por sondagem 1, foi implantada junto ao alçado da face Sul do corpo Oeste da ponte, situada na margem esquerda da ribeira de Padronelo.

Numa primeira fase, implantou-se, no terreno, uma quadrícula com dimensões de 1,5mX2m, mas devido às condições do terreno, optou-se pelo seu alargamento, de forma a garantir, quer condições de segurança, quer uma leitura mais rigorosa da estratigrafia do local. Esse alargamento foi efectuado com o auxílio de meios mecânicos,

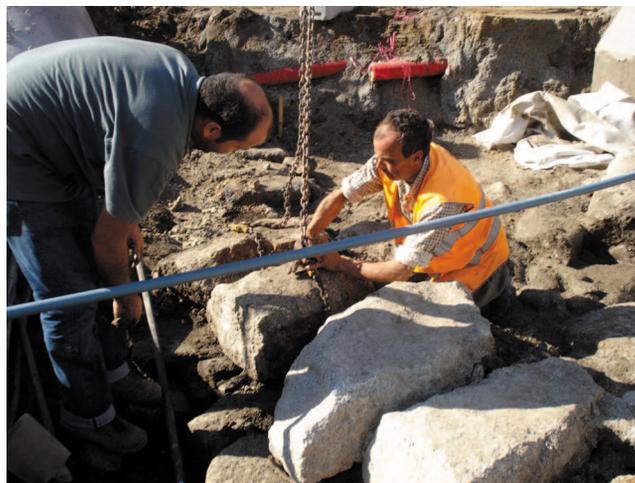


Figura 6. Remoção da canalização em granito.

devidamente controlados e acompanhados pelo arqueólogo de campo, removendo-se todos os aterros recentes, relacionados com a instalação de infra-estruturas de saneamento e cablagens eléctricas e de telefone.

A sequência estratigráfica desta sondagem é a seguinte:

- **Camada 01** - camada sedimentar de aterro e enchimento, heterogénea, arenosa, com uma coloração que varia entre o cinzento e o castanho, derivado ao material de aterro que foi colocado, areia e saibro. Esta camada é pouco compacta com inclusões de pedra de pequeno e médio porte e alguma cerâmica de construção.
- **Camada 02** - Camada sedimentar de aterro e enchimento, de coloração castanha, arenosa e heterogénea, com compacticidade média, com inclusões de pedra de médio e grande porte e alguma cerâmica de construção.
- **Camada 03** - Camada sedimentar de aterro e enchimento, de coloração preta, arenosa e heterogénea, muito compacta, com inclusões de pedra de médio e grande porte e com muita cerâmica de construção que aparece associada a alguns carvões.

Foi recolhido o seguinte espólio da sondagem 1:

- **Camada 01** - materiais de construção (telha e tijolo) e vidro (garrafas) recentes, e cerâmica comum vidrada com cronologia moderno/contemporânea.
- **Camada 02** - materiais de construção (telha e tijolo) e vidro (garrafas) recentes, e cerâmica comum vidrada com cronologia moderno/contemporânea, com restos de escória.
- **Camada 03** - materiais de construção (telha e tijolo) e vidro (garrafas) recentes, e cerâmica comum vidrada com cronologia moderno/contemporânea, com restos de escória.

Após a conclusão da escavação da sondagem, analisando a sequência estratigráfica detectada, podemos dizer que a camada (01) trata-se de uma camada de enchimento recente, resultante dos trabalhos realizados no largo, aquando das últimas obras de requalificação daquele espaço urbano.

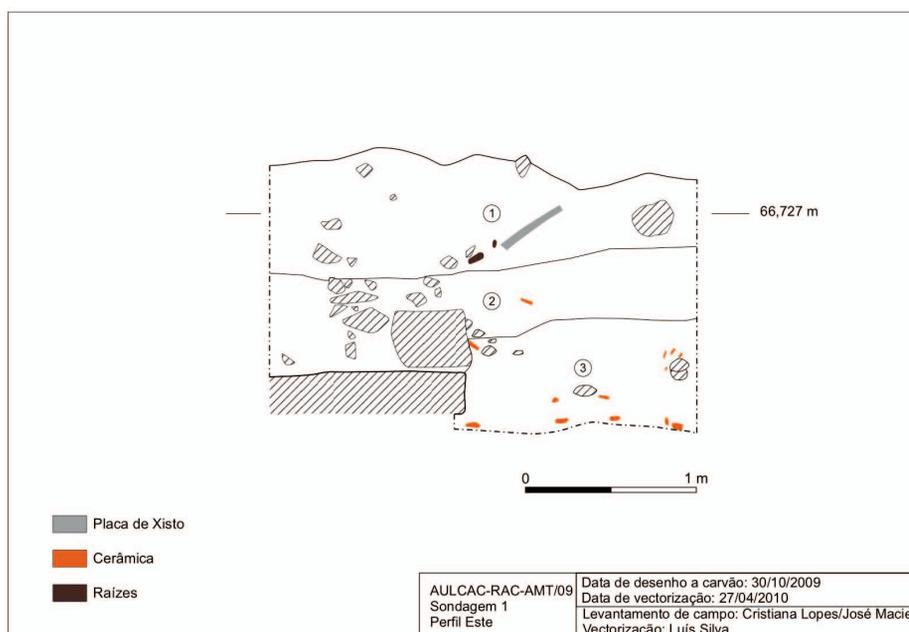


Figura 7. Estratigrafia da Sondagem 1.



Figura 8. Ponte do Arquinho vista Norte.

A esta sucede-lhe a camada (02), correspondente também a um aterro de enchimento, provavelmente efectuado quando durante uma das obras de requalificação do Largo António Cândido, durante o século XX.

A última camada por nós identificada, a camada (03), trata-se de um aterro efectuado após o derrube/demolição de uma estrutura habitacional que se encontrava adossada a ponte, derrube/demolição efectuado já após a construção do canal que regularizou as margens da ribeira de Padronelo.

A estratigrafia identificada na sondagem foi assim de fácil compreensão e interpretação, estando todos estratos arqueológicos detectados relacionados com a requalificação daquele espaço urbano. O espólio recolhido nestas 3 camadas comprova a contemporaneidade destes estratos.

Não foram detectados quaisquer estratos directamente ligados, quer com a construção do canal da Ribeira de Padronelo, quer com a construção da ponte medieval.

Não foi possível escavar a sondagem até ao terreno geológico, já que o terreno da sondagem já se encontrava a uma cota inferior à do fundo do canal da ribeira, o que provocava o alagamento da área onde se implantou a sondagem.

Em termos de estruturas, para além do corpo da ponte, foram definidos nalguns locais pedaços de um antigo piso de circulação, nomeadamente

a meio e na extremidade sul da ponte. Na sua extremidade sul, foi também identificado um canal de drenagem posterior à construção da ponte que a atravessa na diagonal, até sensivelmente o meio do seu percurso.

2.1. Ponte medieval

A ponte medieval detectada no decorrer dos trabalhos arqueológicos trata-se de uma construção em cantaria granítica, que apresenta um arco de volta perfeita, do tipo românico. O arco encontra-se ligeiramente abatido, não por originalmente ter sido assim concebido e construído, mas devido ao peso e pressão das terras e estruturas que recobriram a ponte. As aduelas do arco seriam em número de 33 em cada uma das faces, 16 de cada lado da aduela de fecho que remata o arco. Tal como as aduelas, todas as restantes pedras da abóbada que compõe o arco, possuem uma forma em prisma trapezoidal, normal neste tipo de estruturas, cujo topo é normalmente mais largo do que a base, com vértices concordantes com os alinhamentos das arestas da abóbada interna. Em termos estruturais, apresentam um bom aparelhamento, de tipo regular, com pico de grão médio, assentes sem qualquer tipo de argamassa como elemento de união entre elas. As pedras do intradorso do arco apresentam inúmeras siglas, com vários motivos geométricos, podomorfos e cruciformes. Após o arco, a ponte possuía dois corpos de paramentos laterais, um para o lado Oeste, o outro Este. Estes

encontram-se adossados ao arco, tendo algumas das pedras sido talhadas de forma a ajustarem-se às aduelas. A ponte não possuía qualquer pegão.

Do corpo Este praticamente já nada resta. Aquando da abertura da vala para construção da galeria técnica no espaço que este ocuparia, no alinhamento da rua de Olivença, não foi detectada a sua presença, apesar de se terem detectadas bastantes pedras graníticas soltas no local. Presume-se que terá sido destruído pelas anteriores obras de requalificação do Largo Conselheiro António Cândido, já que nesse espaço já esteve um depósito subterrâneo que abastecia a bomba de combustíveis que existia nesse local, conforme é possível constatar pela imagem retratada num postal dos anos 50 do século XX.

O corpo lateral Oeste apresenta-se ainda em bom estado de conservação. A face a montante deste corpo é composta por fiadas de pedras regulares, num aparelho pseudo-isódomo, com cantaria talhada em grão médio, sem qualquer tipo de argamassa. Parece assentar directamente sobre a rocha granítica. Sobre este corpo foi construída uma canalização em granito, ligada ao canal da ribeira, tendo a mesma aproveitada as pedras da superfície da ponte para servirem

de base, afeiçoando e deslocando algumas das pedras da face deste corpo lateral Oeste na construção desta canalização.

Em relação à face a jusante, esta dá indicação de já ter sido reformulada. Possui um aparelho irregular, com pedras de formas e tamanhos diferentes, possuindo, por vezes, restos de reboco em argamassa a cobrir as juntas das pedras da face. A reformulação da face a montante do corpo Oeste é reforçada pela presença do que aparenta ser o alicerce de uma estrutura habitacional, adossada a esta mesma face.

O corpo lateral Oeste termina numa inflexão diagonal desse mesmo corpo, com uma orientação para NW, ou seja, a ponte não possuía um tabuleiro horizontal, mas sim uma inflexão no topo Oeste. Esta inflexão faz-se com que o alinhamento do término da ponte seja ao encontro da rua Direita, um arruamento tipicamente medieval, sugerindo que ao atravessar a ponte de Este para Oeste, a via seguia na direcção da rua Direita, acompanhando a margem esquerda da ribeira.

Face à destruição do corpo Este, desconhecemos se o mesmo possuía a mesma inflexão no seu termo. Contudo, o alinhamento da rua da Olivença sugere que o término desse corpo lateral seria também em inflexão, agora com uma orientação NE.



Figura 9. Largo Conselheiro António Cândido – Anos 70 séc. XX.



Figura 10. Corpo este da face Norte da ponte.

Analisando o topo do arco e do que resta do corpo lateral Oeste, não é possível afirmar com segurança se a ponte possuía guardas ou parapeitos. Pela observação das aduelas de fecho de ambas as faces, constatamos um certo polimento das mesmas, o que sugere que ambas estariam a descoberto quando a ponte se encontrava em utilização, indicando então que esta ponte não possuiria guardas. Contudo, não existem elementos suficientes que possam confirmar a veracidade desta afirmação.

Quanto ao seu pavimento, apenas foi possível identificar uma pequena porção do que seria o seu pavimento, embora estejamos convencidos que o mesmo, descrito a seguir, não seria o seu pavimento original. As destruições provocadas pelas reformulações não nos permite reconstituir com exactidão, a composição do pavimento da ponte.

2.2. Canalização em granito

A canalização em granito trata-se de uma estrutura construída com pedras de médio e grande porte, aproveitando a estrutura da ponte para leito, e ladeado por duas paredes de aparelho pouco cuidado, cobertas com blocos de pedra de grande porte. Encontrava-se ligada ao canal da ribeira de Padronelo, possuindo uma cronologia contemporânea à mesma. Esta estrutura, após ter sido realizado o seu registo gráfico, com respectivas cotas altimétricas, e registo fotográfico, de forma a libertar a estrutura da ponte medieval.

2.3. Restos de piso

O piso encontrava-se em bastante mau estado de conservação, aparecendo unicamente pequenas manchas isoladas que resistiram as sucessivas remodelações efectuadas no local da ponte.

Trata-se de uma camada de pedra de pequeno porte com vestígios de desgaste pela passagem e do uso da ponte, Foi ainda detectado nalguns locais a presença de seixos rolados, o que levanta a hipótese de o pavimento da ponte, em

determinado momento, ter sido constituído por estes seixos rolados, com os intervalos entre as pedras preenchidos por saibro bastante prensado e nalguns sítios com vestígios de escória de ferro.

3. Conclusões

Os trabalhos arqueológicos, efectuados no âmbito do arranjo urbanístico do Largo Conselheiro António Cândido e Rua António Carneiro, permitiram recolher informações bastante relevantes para a compreensão da evolução urbanística daquele espaço da cidade de Amarante, colocando a descoberto uma estrutura bastante significativa, com uma enorme importância histórico-patrimonial para a cidade de Amarante.

Esta estrutura trata-se de uma ponte em granito que possuiu um arco de volta perfeita, cuja cronologia aponta para o século XIII, em virtude da análise dos elementos arquitectónicos que a compõem: aduelas que formam um arco de volta perfeita, aparelho pseudo-isódomo do corpo da ponte, existência de siglas (marcas de pedreiro) nas aduelas que formam o vão inferior do arco.

Da ponte, além do seu arco, pouco resta do corpo lateral a Este, enquanto a Oeste o corpo lateral da ponte possui ainda cerca de 3 metros de extensão.

O término do corpo lateral Oeste era efectuado com uma inflexão, diagonal ao alinhamento do corredor central do arco, conforme se pode constatar pelos vestígios detectados na extremidade Oeste da ponte, quer no alçado Norte quer no alçado Sul, uma solução arquitectónica que pode ter sido repetida no corpo lateral Este, fazendo com que as extremidades da ponte estivessem directamente orientadas para a rua Direita, na margem esquerda, e para a rua de Olivença, na margem direita da ribeira de Padronelo.

Várias estruturas foram-se apoiando na ponte. A mais antiga é composta pelos alicerces de uma estrutura “habitacional” que se adossou na face



Figura 11. Ponte do Arquinho vista Este.

Sul do corpo Oeste da ponte, mas cuja cronologia foi impossível determinar. Posteriormente, já em meados do século XIX, ter-se-á efectuado a construção do canal que regularizou a ribeira de Padronelo, construção essa que permitiu criar o espaço urbano que é o largo Conselheiro António Cândido. Só com a construção deste canal, é que foi possível efectuar o aterro que permitiu a construção do largo.

A confirmação da existência de uma estrutura com um arco, que está na origem da toponímia do local, “Arquinho”, é um facto da maior relevância para a história de Amarante, confirmação que já era preconizada pelo parecer técnico do então IPPAR, hoje Direcção Regional de Cultura do Norte, que condicionava qualquer obra no local a respectivo acompanhamento arqueológico.

Veio também confirmar a existência do povoamento medieval daquele espaço, bem como a forte ligação do território da margem esquerda do Tâmega ao rio Douro, através de uma rede viária, da qual esta ponte faria parte, numa via medieval sugerida por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que desde o Douro, acompanharia a margem esquerda do Tâmega, até Mesão Frio.

Outro elemento que destacamos é a cronologia da ponte, coeva da vida daquele que é o orago de Amarante, S. Gonçalo, santo conhecido por ser construtor de pontes. A construção deste tipo de estruturas, no período medieval, em função dos



Figura 12. Sigla no vão inferior do arco da ponte.

seus custos, está ligada sempre a patronos, fossem eles elementos da nobreza, por doações, ou do clero, ou mesmo por promoção régia

Não podendo estabelecer uma relação directa entre o santo e a construção desta ponte, o que é indiscutível é que o santo a terá, indubitavelmente, calcorreado, quando pregava e evangelizava na região.

Por fim, traçamos, em linhas gerais, o que terá sido a evolução daquele espaço na margem esquerda do rio Tâmega, a partir do século XIII, em função dos elementos recolhidos durante estes trabalhos.

À construção da ponte, e em seu torno, foram-se aglomerando, ou já existiam, habitações, em torno das margens da ribeira, formando uma malha urbanística constituída por arruamentos tipicamente medievais, estreitos e sinuosos, tal como ainda podemos verificar ao percorrermos a rua Direita e a rua de Olivença, arruamentos que se encontram no alinhamento do término da ponte.

Este tipo de urbanismo foi-se mantendo até ao século XIX, pelos menos até ao período das invasões francesas, tendo as mesmas provocado destruições que conduziram a reconstruções na então vila de Amarante. A mais conhecida é sem dúvida a da ponte de Amarante, mas essas marcas são também visíveis em inúmeras habitações existentes na já referida rua Direita.

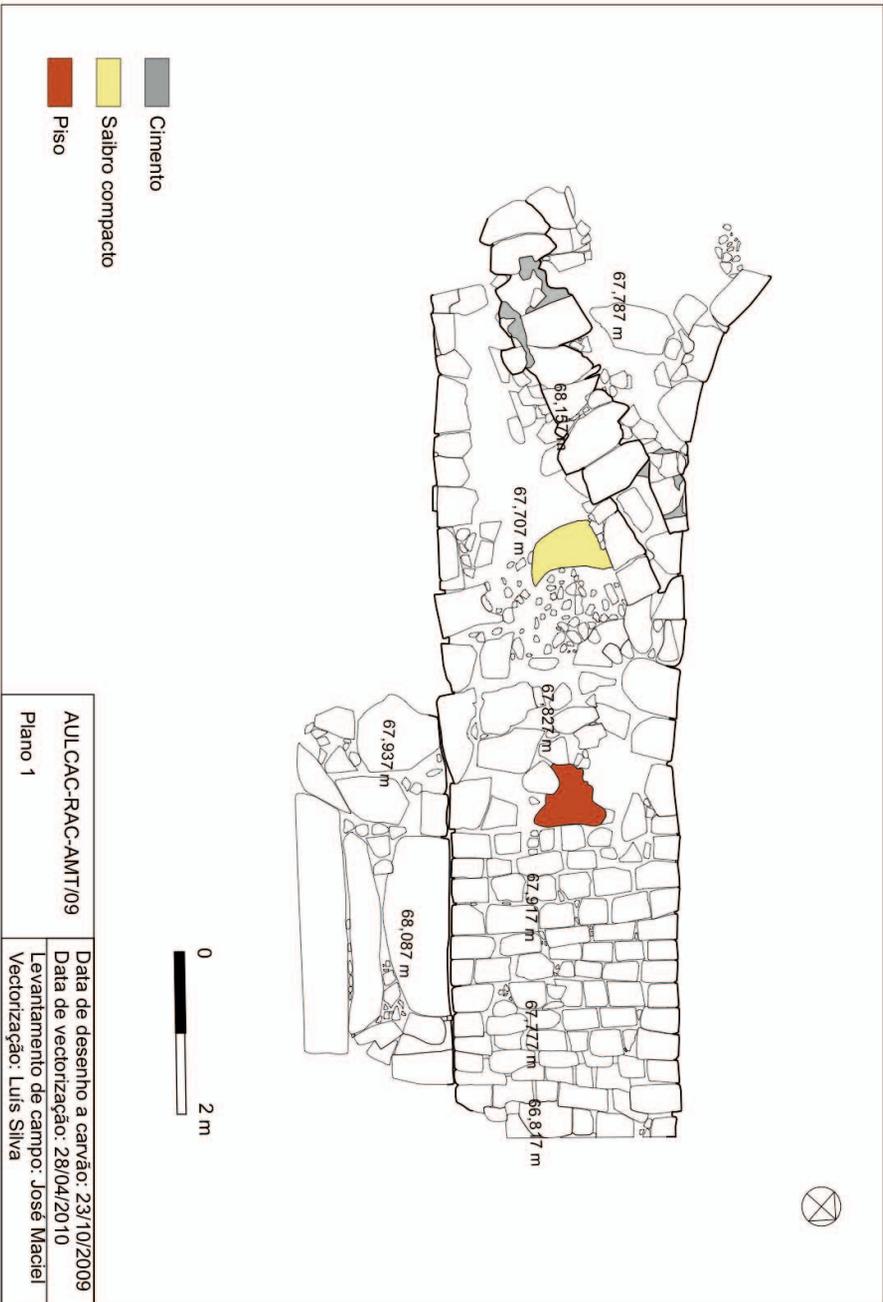


Figura 13. Plano da ponte.

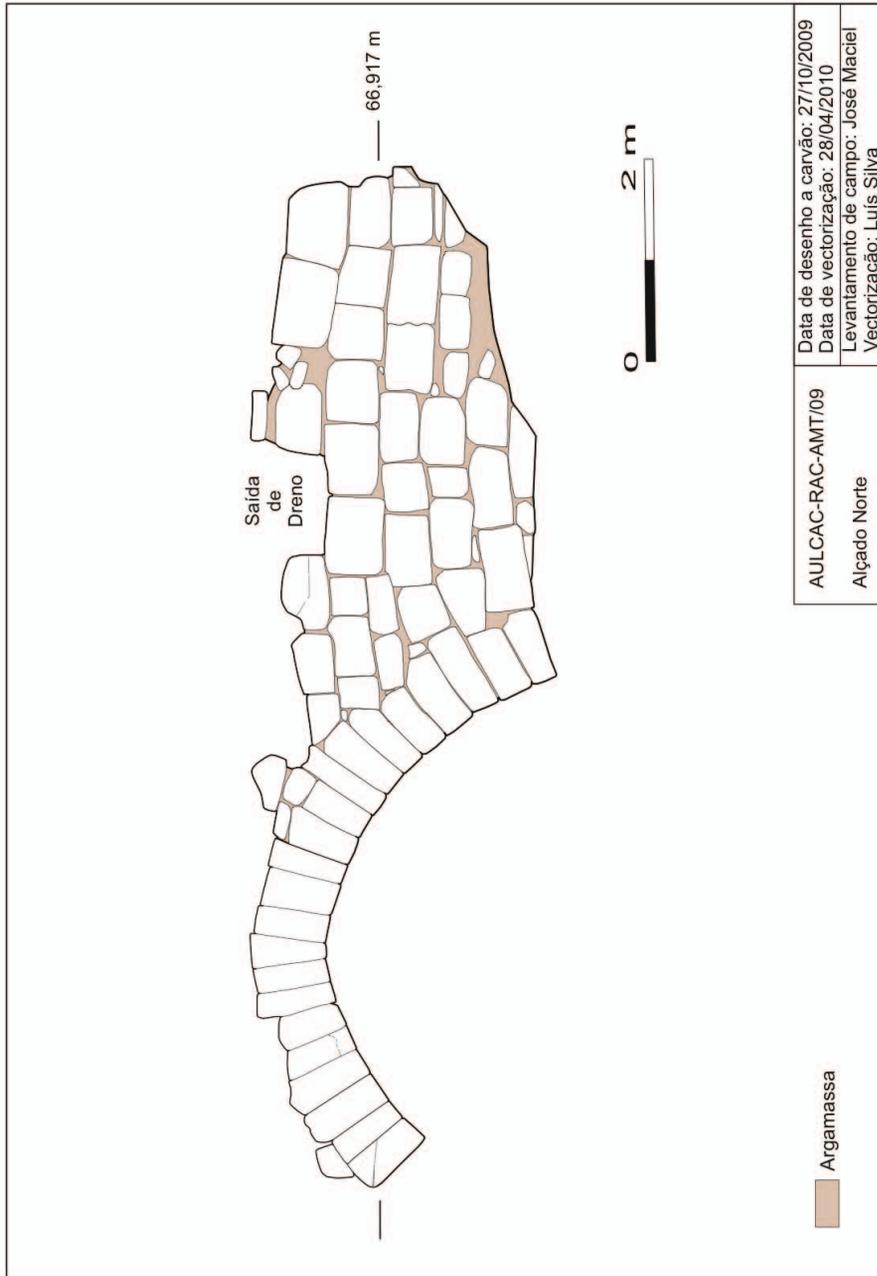


Figura 14. Alçado Norte.

É dentro desta lógica de reformulação urbanística que agregamos a transformação dos antigos arruamentos medievais, num largo que dotasse a entrada em Amarante, pela nova ponte, vindo de Sul, de um espaço mais condigno.

Para a construção desse espaço seria necessário demolir algumas das construções existentes, bem como regularizar a ribeira que aí corria, canalizando-a, para então aterrar esse espaço, transformando-o num largo, o que terá ocorrido em meados do século XIX. A construção desse canal absorveu assim a antiga ponte, cujos vestígios ficaram aterrados, passando a mesma a ser apenas uma memória presente na toponímia do local.

Já no século XX, o mesmo espaço vai conhecer novas reformulações e ampliações. Na primeira metade do século XX, de forma a aumentar o largo, outras habitações são demolidas, facto comprovado pelo alicerce detectado aquando do acompanhamento na área próxima à avenida Alexandre Herculano, a fonte existente no largo

é deslocada uns metros para Sul, construindo-se uma placa central ajardinada no centro do largo. É deste período a instalação das bombas de gasolina que terão provavelmente destruído o corpo lateral Este da ponte.

Já nos anos 80 do mesmo século XX, uma nova reformulação, com instalação de novas infra-estruturas, altera a fisionomia do largo, sendo reformulada a placa central e construída a estação elevatória, tendo nesse momento alterado a deposição estratigráfica na parte a jusante da ponte. O capeamento interior a cimento do canal da ribeira de Padronelo é também efectuado durante estas obras de requalificação.

A ponte, ou que o que já restava dela, foi poupada à destruição total, graças à sua integração na estrutura do canal, tendo esse facto permitido que, com os trabalhos arqueológicos agora efectuados, fosse possível dar a conhecer aquela que é a estrutura arquitectónica mais antiga da cidade de Amarante.

4. Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. (1968) - *Vias Medievais: Entre Douro e Minho*. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dact.)
- ALMEIDA, C.A.F. (2001) - *História da Arte em Portugal – O românico*. Lisboa: Editorial Presença
- ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J. (2002) - *História da Arte em Portugal – o Gótico*. Lisboa: Editorial Presença
- MACHADO, A.S. (1979) - *Amarante Medieval*. Amarante
- MENESES, F.A. (1814) - *História antiga e moderna da sempre leal e antiqüíssima Vila de Amarante*. Londres